

Nos interstícios do discurso: o (des)encontro de culturas

Tatiane Kaspari*
Juracy Ignez Assmann Saraiva**

Resumo

A chegada dos espanhóis ao México, em 1519, desencadeou um confronto cultural que culminou na re-elaboração de identidades. Nesse processo, teve especial relevo a índia Malinche, que, mediando as relações entre conquistadores e astecas, foi perpetuada pela tradição oral como a traidora de seu povo e responsável pelo massacre de sua cultura. O presente artigo, ao articular os campos discursivos da história e o literário, analisa o papel de Malinche, buscando compreender a complexidade da trama cultural em que estavam envolvidos os personagens da conquista do México. Para essa compreensão consideram-se textos históricos e, sobretudo, o romance *Malinche*, de Laura Esquivel, que, tendo recolhido da oralidade a história da índia, propõe um novo olhar sobre suas angústias, anseios e ações. Ao conceder a Malinche a possibilidade de enunciar suas próprias palavras, a romancista revela conflitos que outrora permaneceram encerrados no íntimo da personagem e provoca no leitor reflexões sobre embates culturais que constituíram a identidade mesoamericana.

Palavras-chave: Cultura. Identidade. Conquista da América. Descoberta do outro.

Introdução

A memória coletiva das nações é povoada por heróis e vilões, cuja imagem – forjada nos relatos orais e nos registros escritos dos eventos de que participaram –, geralmente, é propagada muito além dos limites geográficos onde os acontecimentos se desenrolaram. A consagração do nome de Cristóvão Colombo, um dos responsáveis pela Conquista da América, extrapolou o território espanhol, tornan-

* Mestranda em Processos e Manifestações Culturais pela Universidade Feevale. Graduada em Letras – Português pela Unisinus.

** Professora e pesquisadora da Universidade Feevale. Mestre em Literatura Brasileira pela UFRGS, Doutor pela PUCRS e Pós-Doutor pela Unicamp.

do-se símbolo do poderio, da bravura e da superioridade dos europeus, capazes de conquistar terras nunca sonhadas e de subjugar povos cuja barbárie, do ponto de vista eurocêntrico, era assustadora.

Hernán Cortés rivaliza com Colombo, pois empreendeu, segundo Tzvetan Todorov, a mais importante conquista em solo americano, “já que a civilização mexicana”, por ele dominada, “é a mais brilhante do mundo pré-colombiano” (1993, p. 63). Nas narrativas que relatam a conquista do império asteca, Cortés desponta como um dos mais ardilosos colonizadores europeus, tendo empregado a seu favor o conhecimento que adquirira acerca da cultura desse povo, as desavenças entre as tribos mexicanas e, principalmente, o poder da palavra que lhe foi conferido por uma índia: Malinche. Ela, por sua vez, também se tornou um mito nacional – por razões opostas às que elevaram os feitos de Cortés em terras de Espanha – pois a tradição oral perpetuou seu nome como aliada dos cruéis conquistadores espanhóis e, portanto, como traidora de seu povo. A imagem de vilã, instituída pela memória coletiva, fez com que Malinche ficasse conhecida no século XX como *La Chingada*.

Buscando romper com a visão unilateral a respeito dessa personagem, Laura Esquivel, após recuperar relatos da oralidade a respeito da índia e identificar registros históricos que a mencionam, procedeu à escrita do romance *Malinche*, em que a ficção supre as lacunas deixadas pela historiografia, restituindo

à personagem traços de humanidade, revelados em seus dilemas, angústias e anseios. Dessa forma, a narrativa devolve a Malinche as palavras que ela soterrara em seu íntimo para dar lugar àquelas que o conquistador dela exigia, e permite que sua imagem se constitua sob o prisma da dualidade. Paralelamente, Esquivel institui um processo de narração marcado pela oralidade ao conceber um narrador que retrocede dezenas de gerações para enunciar as palavras da índia que os relatos da tradição oral mexicana apenas debilmente continuam a registrar.

O romance de Laura de Esquivel – que eleva o coloquialismo da linguagem à condição estética – é, pois o *corpus* central deste artigo, cujo enfoque recupera o entrecruzamento entre história e ficção, para analisar o papel de mediação entre o Velho e o Novo Mundo, exercido pela índia Malinche. Desse prisma, documentos históricos e estudos críticos são retomados para salientar conflitos culturais e identitários decorrentes do processo de dominação da América e da nação asteca em particular, os quais são evidenciados pelo texto literário para recuperar uma tradição quase esquecida e para dar uma face menos perversa àquela que – situada entre a ambição europeia e a tradição ancestral e, por vezes, perversa de seu povo – é peça-chave da conquista de um império por intermédio da palavra.

O cenário do confronto de identidades

La espada, la cruz y el hambre iban
diezmando la familia salvaje.

Pablo Neruda

Ao redigir o prólogo de sua *Historia verdadera de la conquista de la Nueva España*, Bernal del Castillo, soldado que servia a Hernán Cortés, alerta para a impossibilidade de relatar com propriedade a magnitude dos feitos heroicos realizados durante a conquista da Nova Espanha: “[...] para poderlo escribir tan sublimadamente como es digno, fuera menester otra elocuencia y retórica mejor que no la mía”. Entretanto, ele persiste em seu intento de escrever uma “verdadera y notable relación”, invocando a ajuda divina – a fim de não “torcer a una parte ni a otra” (DEL CASTILLO, s. d., on-line) – e valendo-se de sua posição de testemunha ocular dos acontecimentos em território mexicano.

Se peca por pretensão ao desejar escrever a verdadeira história da conquista espanhola para deixar de legado a seus descendentes, o cronista acerta em cheio ao reconhecer a grandeza do evento que busca relatar, pois, ainda que faça parte de um processo de colonização mais amplo, a conquista do México constitui um capítulo à parte na história da América, especialmente pela grandeza do povo subjugado e pelo processo singular de dominação, embasado na prática discursiva.

Anterior a Cortés – que iniciou sua incursão pelo atual território mexicano 27 anos após a chegada do primeiro espanhol a terras americanas –, Colombo centrara o valor de sua descoberta no ambiente exuberante e na possibilidade de extração de ouro, deixando em segundo plano em seus escritos as descrições a respeito da população americana. Para o conquistador genovês, os nativos eram desprovidos de tudo – costumes, religião e cultura –, igualando-se, em termos culturais, a qualquer integrante da fauna da terra recém-descoberta; daí a descrição dos índios estar mesclada à dos animais e das plantas. Portanto, Colombo nega qualquer relação de alteridade com os índios – a quem busca impor a cultura europeia –, interpretando de forma equivocada as manifestações dos indígenas, ora considerados ingênuos e pacíficos, ora selvagens e indóceis.

Em oposição a Colombo, Hernán Cortés demonstra em suas estratégias de conquista uma maior apreensão da cultura dos astecas, tendo buscado conhecer a complexa organização socio-cultural desse povo, a fim de agir nas fissuras dessa sólida sociedade. Para André S. Ponte (2002), as particularidades da Confederação Asteca conferiram uma feição diferenciada à conquista do México: “O encontro com as civilizações mesoamericanas exigirá um discurso novo, o de Colombo não é mais suficiente e a Europa, uma vez mais, terá que digirir o desconhecido e produzir sentidos para ele.”

O primeiro passo de Cortés para alcançar o domínio dessa civilização foi o reconhecimento do avançado estágio sociocultural dos astecas. Inicialmente, eles se igualavam aos demais povos mesoamericanos, mas sua supremacia foi urdida a partir da decadência do estado centralizador Tolteca. Conforme Jorge L. Ferreira, após o processo de dominação das tribos vizinhas, os astecas – tendo assimilado as demais culturas e preservado seus costumes e tradições – desenvolveram uma sociedade complexa e hierarquizada, com um sofisticado imaginário social.

A sofisticação cultural é referida pelo historiador Leslie Bethell no seguinte fato:

Uma das realizações dos mexicas no apogeu do seu desenvolvimento político e cultural (mais ou menos sessenta anos antes do contato europeu) foi o forjamento de uma imagem de suas próprias origens, desenvolvimento e identidade. Por volta de 1430, seu governante Itzcoalt ordenou a queima dos livros antigos, tanto os anais quanto os de conteúdo religioso [...]. Em seu lugar foi desenvolvida e imposta uma nova tradição que transmitia uma imagem do passado adequada às exigências e ideais do grupo cuja dominação estava em processo de rápida expansão (BETHELL, 1997, p. 36-7).

Tal ação visava justificar o domínio asteca, consolidando, sobretudo, o poder do *tlatoani* – guia espiritual e chefe político, cuja legitimação religiosa lhe conferia o papel de divindade –, que residia em Tenochtitlán, o centro do Estado. O governante ocupava o topo da hierarquia social, sendo seguido pela nobreza – guerreiros graduados, funcionários

estatais, os *Pilli* –, pelos sacerdotes e, abaixo, pelos comerciantes, artífices e escravos. Para Ferreira,

[...] a organização social dos astecas transformou-se de uma estrutura simples e igualitária, em uma sociedade complexa, diferenciada e extremamente hierarquizada. A Confederação Asteca passou a formar uma rede de dominação poderosíssima, que se estendeu de costa a costa na Meso-América, dominando e tributando a maioria dos povos da região [...]. A expressão “Confederação Asteca” alude, assim, à hegemonia de uma etnia – *náhuatl* – em aliança com outras, que submetem populações numerosas e heterogêneas, cuja dominação nem sempre foi aceita totalmente (FERREIRA, 1988, p. 12).

A diversidade do arcabouço cultural da Confederação Asteca e a relação conflituosa estabelecida entre algumas tribos e o poder central foram propícias ao domínio espanhol:

[...] um mosaico de povos, culturas e línguas possuíam a terra em que Hernán Cortés e seus seiscentos homens logo iriam desembarcar. O conquistador cedo ficaria sabendo da existência dos mexicas [...]. Por intermédio dos [...] tlaxcalanos, Cortés foi informado do poder e da riqueza da metrópole asteca e de seus governantes, em especial de Monteuczoma. Em seus escritos (e nos dos outros “cronistas soldados”) pode-se encontrar inúmeras referências aos aspectos mais óbvios da estrutura política, religiosa e socioeconômica que sustentavam a grandeza dos mexicas [...]. Cortés logo compreendeu a situação. Lado a lado com a magnificência da metrópole asteca (visitou-a como convidado em 1519) estava a realidade do domínio imposto dos mexicas. Sabia quão profundamente os totinacas, os tlaxcalanos e muitos outros odiavam os mexicas. Tirou vantagem nisso e (sem percebê-lo completamente) desempenhou um papel importante no último capítulo da história da Mesoamérica independente. Os

inimigos de Tenichtitlán acreditaram que os espanhóis os estivessem apoiando. Crendo nisso, conseguiram derrotar os mexicas, sem saber por algum tempo que seus aliados estrangeiros eram os únicos a tirar proveito dessa vitória (BETHELL, 1997, p. 60-1).

Além dos conflitos internos das tribos mesoamericanas, Cortés soube usufruir as crenças dos indígenas. Casualmente, o espanhol – transgredindo ordens do governador Velásquez – desembarcou e iniciou sua incursão por terras mexicanas no ano de 1519, quando, pelas previsões astecas, o deus Quetzalcóatl retornaria a seu povo. Percebendo que conquistaria a submissão dos índios caso simulasse ser a personalidade divina, Cortés deixou que o confundissem com a divindade asteca.

A motivação de Cortés por novas descobertas – à semelhança de Colombo – justificava-se tanto por questões financeiras quanto por um conjunto de valores forjado no bojo da história da Espanha. A conquista das terras americanas significava para os espanhóis uma extensão das guerras de Reconquista, cujos ideais – profundamente relacionados com a formação da identidade espanhola – foram reproduzidos e adaptados ao Novo Mundo:

O encontro com toda uma civilização de infiéis trará à tona a memória discursiva de antigas batalhas. O herói medieval, a cruzada religiosa e a superioridade espanhola voltarão por meio de formações discursivas que já haviam participado de outros jogos de produção de sentidos e que aqui ganharão nova vida – produzirão diferentes efeitos de sentido – graças à relação com um novo contexto, uma nova exterioridade (PONTE, 2002).

Impregnados de um sentimento de superioridade – “oriundo da conjuntura ideológica da Reconquista, da auto-identificação com o herói medieval” e do “orgulho do *cristiano viejo*” (BETHELL, 1997, p. 60-61) –, os europeus se propuseram a “interpretar” os povos mesoamericanos segundo seus interesses e crenças. Nessa perspectiva, justificava-se a missão liderada por Cortés, a qual inicia com uma batalha contra os tlaxcalans – posteriores aliados dos espanhóis – e culmina em 1521, com a prisão do *tlatoani* Cuahtémoc e a tomada definitiva de Tenochtitlán. Durante esses três anos, os espanhóis realizaram massacres em centros e festas religiosas, disseminaram a varíola e desmantelaram a cultura asteca, respaldados em “motivos superiores”, especialmente religiosos. Em suas falas aos indígenas, Cortés ressaltava a fé que movia sua expedição:

[...] se les dijo [...] todas las cosas tocantes a nuestra fe, y cómo éramos vasallos del emperador don Carlos e que nos envió para quitar que no haya más sacrificios de hombres, ni se robasen unos a otros; y se les declaró muchas cosas que se les convenía decir (DEL CASTILLO, s. d.).

Não obstante os episódios sangrentos – como o massacre durante uma celebração aos deuses Tezcatlipoca e Huitzilopochtli no Templo Maior, ordenado por Pedro de Alvarado, na ausência de Cortés –, a desintegração do povo asteca deve-se a manipulações por meio da palavra, exemplificadas na mensagem redentora do excerto acima. Segundo Todorov (1993, p. 111), “os astecas não

concebem e não compreendem a guerra total de assimilação que os espanhóis estão fazendo contra eles (inovando em relação à sua própria tradição)". Por seu caráter aparentemente pacífico e benéfico, a maior parte dos indígenas não soube compreender que a aculturação imposta pelos europeus era uma das mais incisivas e destrutivas guerras, que atingia, sobretudo, seus preceitos e ritos religiosos. Como relata Bernal, houve uma conversão em massa dos indígenas:

[...] así hombres como mujeres y niños que son de edad para aprenderlo, saben todas las santas oraciones en sus mismas lenguas, que son obligados a saber, y tienen otras buenas costumbres acerca de su santa cristiandad, que cuando pasan cabe un santo altar o cruz bajan la cabeza con humildad, y se hincan de rodillas y dicen la oración del *Pater noster*; y más que les mostramos los conquistadores, a tener candelas de cera encendidas delante de los santos altares y cruces porque de antes no se sabían aprovechar de ella en hacer candelas [...] (DEL CASTILLO, s. d.).

Dessa forma, o interesse espanhol em compreender a cultura asteca não tem a finalidade de respeitá-la ou de preservá-la, mas de tirar proveito ou de "corrigir" crenças "erradas" para moldá-las às convenções europeias. Assim, com a mesma naturalidade com que permite que, inicialmente, os astecas creiam que ele é Quetzalcóatl, Cortés, após a conquista, ordena que se destruam todos os monumentos em homenagem aos deuses pagãos, substituindo-os por imagens cristãs.

Nesse processo de aculturação, a palavra assumiu fundamental importân-

cia, e Cortés soube reconhecer como ninguém o poder bélico do signo linguístico. Reconstituindo ficcionalmente as reflexões de Cortés, o narrador de *Malinche* reproduz seu pensamento:

Ésta era una empresa construida desde el principio a base de palabras. Las palabras eran los ladrillos y la valentía la argamasa. Sin palabras, sin lengua, sin discurso no habría empresa, y sin empresa, no había conquista (ESQUIVEL, 2006, p. 19).

Consoante Todorov (1993), foi a fortaleza construída com palavras que permitiu que o espanhol, liderando algumas centenas de homens, derrotasse centenas de milhares de guerreiros de Montezuma. O romance de Esquivel obedece à verossimilhança externa, pois advém de um exercício imaginativo com base em informações históricas a respeito do conquistador, que, dispondo de poucos recursos bélicos, derrotou um império grandioso.

Malinche: uma personagem entre a história e a ficção

Malinche – também conhecida por Malinalli, Dona Marina ou Malintzin – só veio a figurar na história do México devido a seu papel de mediadora nos diálogos entre conquistadores e indígenas. Os poucos registros históricos a respeito de sua vida apontam que ela era de origem nobre, porém fora vendida como escrava pela mãe após a morte do pai. Nas palavras do cronista Bernal Del Castillo:

Antes que más meta la mano en lo del gran Montezuma y su gran México y mexicanos, quiero decir lo de doña Marina, cómo desde su niñez fue gran señora y cacica de pueblos y vasallos; y es de esta manera: Que su padre y madre eran señores y caciques de un pueblo que se dice Painala, y tenía otros pueblos sujetos a él, obra de ocho leguas de la villa de Guazacualco; y murió el padre, quedando muy niña, y la madre se casó con otro cacique mancebo, y hubieron un hijo, y según pareció, queríanlo bien al hijo que habían habido; acordaron entre el padre y la madre de darle el cacicazgo después de sus días, y porque en ello no hubiese estorbo, dieron de noche a la niña doña Marina a unos indios de Xicalango, porque no fuese vista, y echaron fama que se había muerto. Y en aquella sazón murió una hija de una india esclava suya y publicaron que era la heredera; por manera que los de Xicalango la dieron a los de Tabasco, y los de Tabasco a Cortés (DEL CASTILLO, s. d.).

Malinalli – fadada a servir como escrava ao longo de sua vida – foi entregue como um tributo a Hernán Cortés, juntamente com vinte jovens, ouro e galinhas. A escravização de indígenas era prática comum no Império Asteca e, conforme Glantz (2001), as índias, em especial, possuíam uma dupla função: acompanhavam o exército para alimentá-lo e serviam aos soldados como concubinas.

Referindo-se a esse episódio, Bernal enaltece o “presente” recebido: “Y no fue nada todo este presente en comparación de veinte mujeres, y entre ellas una muy excelente mujer que se dijo doña Marina, que así se llamó después de vuelta cristiana” (DEL CASTILLO, s. d.). Entretanto, esse reconhecimento é posterior, pois, na ocasião, Malinalli é repassada a Alonso Hernández Portocarrero, que

morreria pouco depois em uma prisão espanhola:

Y luego se bautizaron, y se puso por nombre *doña Marina* (a) aquella india y señora que allí nos dieron, y verdaderamente era gran cacica e hija de grandes caciques y señora de vasallos, y bien se le parecía en su persona; lo cual diré adelante cómo y de qué manera fue allí traída. Y las otras mujeres no me acuerdo bien de todos sus nombres, y no hace al caso nombrar algunas; mas éstas fueron las primeras cristianas que hubo en la Nueva España, y Cortés las repartió a cada capitán la suya, y a doña Marina, como era de buen parecer y entremetida y desenvuelta, dió a Alonso Hernández Puerto Carrero, que ya he dicho otra que era muy buen caballero, primo del conde de Medellín y después que fue a Castilla Puerto Carrero estuvo la doña Marina con Cortés, y hubo en ella un hijo que se dijo don Martín Cortés (DEL CASTILLO, s. d.).

A morte de Portocarrero, ao invés de conferir liberdade a Malinalli, que já fora previamente batizada, aprisionou-a definitivamente. Descoberta sua habilidade com idiomas, ela passou a acompanhar e a servir a Cortés. Obviamente, a aproximação entre a índia e o conquistador espanhol – de que resulta, posteriormente, um filho – confere prestígio a Malinalli – que passou a ser tratada por Dona Marina ou Malintzin (SANDNER, s. d.).

O próprio nome de Malinche – deturpação de Malintzin¹ em função de dificuldades na pronúncia – transforma-se na alcunha com que Cortés é rotulado. Tal fato propicia, em certa medida, que Malinalli readquira a nobreza de seu nome, uma vez que, como princesa mexicana, “empresta” seu “título” ao estrangeiro. Ressalte-se que a valorização

da figura de Malinalli está imbricada ao dom da palavra, ou seja, à função de “lengua” – “el intérprete que declara una lengua con otra, interviniendo entre dos de diferentes lenguajes” (Dicionário da língua castelhana apud Glantz, op. cit., p. 169) – que ela passa a exercer junto aos espanhóis.

A princípio, o caminho da tradução de um diálogo entre mexicas e europeus era extenso: “Cortés fala a [Jerônimo] Aguilar, que traduz o que ele diz para a Malinche, que por sua vez se dirige ao interlocutor asteca” (TODOROV, 1993, p. 120). Mas, demonstrando presteza com idiomas, Malinalli, em um curto espaço de tempo, aprendeu também o espanhol. Tal fato fez com que Malinche ascendesse à condição de “faraute”,² passando a ser responsável pela interpretação e pela transmissão das mensagens entre meso-americanos e europeus e, em decorrência disso, ocupando um “cargo” antes dividido entre vários “lenguas”, que apresentavam diversas restrições.

Assim, Malinche torna-se imprescindível aos espanhóis – “He querido declarar esto porque sin doña Marina no podíamos entender la lengua de la Nueva España y México” (DEL CASTILLO, s. d., on-line) –, acompanhando-os durante a incursão pelas terras mexicanas:

Fuimos con él aquel viaje toda la mayor parte de los vecinos de aquella villa, como diré en su tiempo y lugar; y como doña Marina en todas las guerras de la Nueva España y Tlaxcala y México fue tan excelente mujer y buena lengua, como adelante diré, a esta causa la traía siempre Cortés consi(g)o (DEL CASTILLO, s. d.).

Findo o processo de conquista, Malinche perde seu valor pragmático e, então, é entregue por Cortés para unir-se ao soldado Juan Jaramillo – “Y en aquella sazón y viaje se casó con ella un hidalgo que se decía Juan Jaramillo, en un pueblo que se decía Orizaba, delante ciertos testigos” (DEL CASTILLO, s. d.).

Palavra e alienação

Apesar de sua importância para a conquista espanhola, o nome de Malinche é raramente mencionado nos escritos de Cortés, sendo sempre associado unicamente ao seu papel de *lengua*. Tal fato configura um indício de alienação do outro no processo de subjugação dos povos mexicanos, pois considerar a índia somente como sendo uma enunciação relatada é “reiterar la desaparición de su cuerpo, o mejor, lo convierte em um cuerpo esclavo” (GLANT, 2001, p. 178).

Tal “escravização” é rompida quando, no romance de Esquivel, a palavra – ainda que ficticiamente – é entregue a Malinche, de forma que aos fatos históricos conhecidos sejam mezcladas as reflexões, sentimentos e anseios da índia. Dedicando o livro ao vento, a autora tece comentários a respeito da personagem:

En el aire, en el invisible, navegan infinidad de ideas en movimiento. Durante su recorrido se cruzan unas con otras y producen encuentros luminosos que más tarde se plasman en imágenes, en sonidos, en palabras: en conocimiento.
Este libro es el resultado de mi búsqueda de respuestas a las preguntas: ¿Cómo era la Malinche? ¿Qué pensaba? ¿Qué sabía? ¿Qué ideas la acompañaban?

Las respuestas las encontré no sólo en libros de historia, sino en conversaciones con mis amigos y en mi contacto con el invisible, donde el tiempo se desvanece y es posible tener encuentros afortunados con el pasado (ESQUIVEL, 2006, p. 81).

Sabidamente, Esquivel reconhece a impossibilidade de “reconstituir” historicamente Malinche, visto que o “acesso” à sua trajetória se dá somente por relatos da tradição oral, por crônicas, cartas e outros escritos contemporâneos, ou seja, por fragmentos que se reportam ao passado sem, contudo, ter o poder de reconstituí-lo. Assim, cabe à ficção preencher as lacunas historiográficas, reconhecendo que “o entrecruzamento entre a história e a ficção na refiguração do tempo se baseia [...] nessa sobreposição recíproca, quando o momento quase histórico da ficção troca de lugar com o momento quase fictício da história” (RICOEUR, 1997, p. 332). Nesse sentido, cabe, também, à ficção devolver à tradição oral mexicana a vida de personagens que participaram de sua história, mas que a hegemonia da cultura europeia acabou por esmaecer, anulando sua palavra e silenciando sua voz.

Portanto, a primeira lacuna que a ficção de Esquivel suprime é a apontada por Margo Glantz: “En las crónicas españolas, Malinche carece de voz. Todo lo que ella dice o interpreta, todos sus propósitos se manejan mediante el discurso indirecto” (GLANTZ, 2001, p. 176). No romance de Laura Esquivel, o narrador age como uma “lengua”: instituindo uma instância narrativa que representa os

pensamentos da índia e reproduz suas falas, a autora retrocede por muitas gerações, nos silêncios das palavras que Malinalli não pôde escrever e que apenas debilmente permaneceram nos relatos da tradição oral mexicana.

É importante considerar que, na concepção indígena, a significação da palavra é ainda mais acentuada, atingindo proporções divinas.³ É o que expressa a avó de Malinche:

La saliva es agua sagrada que el corazón crea. La saliva no debe gastarse en palabras inútiles porque entonces estás desperdiciando el agua de los dioses, y mira, te voy a decir algo que no se te debe olvidar: si las palabras no sirven para humedecer en los otros el recuerdo y lograr que ahí florezca la memoria de dios, no sirven para nada (ESQUIVEL, 2006, p. 11).

Um forte vestígio da importância da palavra na vida de Malinche são os variados nomes que ela recebe ao longo de sua vida. Na língua de origem, o *náhuatl*, a índia se chamava Malinalli – “erva trançada” –, nome que trazia implícita uma gama de significações. Conforme a tradição da sociedade mesoamericana – dedicada à interpretação de mensagens por meio de “formas extremamente elaboradas, relacionadas às diversas espécies de adivinhação” (TODOROV, 1993, p. 76) –, o nome está relacionado à simbologia da data de nascimento e, por conseguinte, ao destino a que está fadado o indivíduo:

Todas estas nociones del tiempo son las que acompañaban a cada ser humano desde el momento en que nacía. Malinalli había nacido en la casa doce. La fecha de nacimiento

marcaba un destino y por eso Malinalli llevaba el nombre de la casa en la que había nacido. El significado del doce es el de la resurrección (ESQUIVEL, 2006, p. 19).

Descrevendo o glifo que representa o dia 12 – uma caveira de perfil com cabelos de malinalli –, o narrador incorpora o ângulo de percepção da personagem e evoca imagens que remetem à vida que transcende a morte, em um eterno ciclo de renovação. A simbologia da inscrição que substitui o número 12, presente no nome de Malinche, apresenta-se como prenúncio do processo de degradação da sociedade e da cultura astecas e da posterior reelaboração sociocultural do povo mexicano, dos quais a escrava de Cortés, ainda que sem total consciência, participou.

Malinalli, contudo, é um nome indígena e, conseqüentemente, pagão, razão por que não se coaduna com o propósito espanhol de converter os nativos. Assim, para expressar a submissão de Malinalli e garantir sua cristianização, a índia é submetida à troca de nome, embora, para os conquistadores, a importância desse ato não esteja no nome que lhe é atribuído – Marina –, mas no processo de nomeá-la pelo batismo que a torna pertencente à cultura cristã.

Entretanto, a substituição do nome, considerada natural pelos espanhóis, reveste-se de profundo significado para os índios convertidos, como Malinalli. Considerando esse fato, Esquivel busca representar em sua narrativa o embate íntimo da índia – desconsiderado nas crônicas espanholas – ao perceber que

seu novo nome não carrega um sentido próprio:

La desilusión se dibujó en sus ojos. Ella esperaba que el nombre que le estaban adjudicando los enviados de Quetzalcóatl tuviera un significado mayor. No se lo estaban poniendo unos simples mortales que desconocían por completo el profundo significado del universo, sino unos iniciados, como ella suponía. Su nombre tenía que significar algo importante.

[...] Siendo un día tan importante en la vida de Malinalli, decidió no dejarse caer en el desencanto y por ella misma se dedicó a enseñorear su nuevo nombre. Si su nombre indígena significaba “hierba trenzada” y las hierbas y todas las plantas en general necesitaban de agua, y su nuevo nombre estaba relacionado con el mar, significaba que tenía asegurada la vida eterna pues el agua es eterna y por siempre iba a alimentar lo que ella era: una hierba trenzada. Sí, jese mismo era el significado de su nombre! (ESQUIVEL, 2006, p. 20).

Percebendo o vazio simbólico que cerca seu novo nome, Malinalli resolve, pois, preenchê-lo com uma interpretação própria, repleta de aspectos da cultura asteca. Assim, a assimilação imposta pelos espanhóis – representada pelo nome de batismo, Marina – não resulta em aceitação plena por parte da índia: ao mesmo tempo em que é coagida a aceitar concepções espanholas e a questionar sua cultura, ela mantém intactas determinadas tradições e crenças.

Nesse caleidoscópio cultural ocorre um processo de reelaboração identitária, renunciada, simbolicamente, na narrativa de Esquivel, por um adivinho quando a índia ainda não havia passado ao domínio espanhol:

Malinalli, el maíz te dice que tu tiempo no podrá medirse, que no sabrás en su extensión cuál será su límite, que no tendrás edad, pues en cada etapa que vivas descubrirás un nuevo significado y lo nombrarás, y esa palabra será el camino para deshacer el tiempo. Tus palabras nombrarán lo aún no visto y tu lengua volverá invisible a la piedra y piedra a la divinidad. Dentro de poco ya no tendrás hogar, no te dedicarás a la creación de la tela y la comida; tendrás que caminar y mirar y, mirando, aprenderás de todos los rostros, de todos los colores de piel, de todas las diferencias, de todas las lenguas, de lo que somos, de cómo lo dejaremos de ser y de lo que seremos. Ésta es la voz del maíz (ESQUIVEL, 2006, p. 12).

O discurso do adivinho – assim como as reflexões da personagem Cortés, anteriormente transcritas – ressalta a importância da palavra enunciada na constituição de identidades e na reelaboração de culturas. Sem palavras não há imagens, e sem nova imagem Malinche permaneceria *La Chingada*. Cabe ao romance de Laura Esquivel reconstituir a imagem da índia asteca para lhe dar um rosto bifronte: ele olha para o passado, para dele abstrair nova compreensão; ele se volta para o futuro para ensinar aos homens lições de tolerância para com a alteridade e de aceitação das diferenças.

Desintegração cultural e reconstrução identitária

Embora a derrocada da Confederação Asteca se dê em 1521, com a prisão de Cuahtémoc, a desintegração se efetua já a partir de 1519, quando Cortés, chegando a Tenochtitlán, é recebido sem

resistência por Montezuma. A morte do tlatoani – poucos dias após e em circunstâncias suspeitas – abala seriamente o poder asteca, pois, de acordo com Ferreira, morrendo aquele que assegura a mediação entre homens e deuses e garante a harmonia de um universo instável, desaparece a referência do mundo para os povos mesoamericanos.

Progressivamente desvinculados de seus rituais, deuses, símbolos e até mesmo da língua – que guarda a essência da cultura –, os indígenas prostraram-se aos novos costumes numa atitude de incompreensão, muitas vezes confundida pelos espanhóis como verdadeira adoração. No entanto, no romance de Esquivel o choque cultural dos mexicas é traduzido nas angústias de Malinche que, continuamente, reflete sobre os costumes dos estrangeiros, especialmente sobre a cobiça demonstrada pelo ouro:

El oro, el teocuitlatl, era considerado como el excremento de los dioses, un desecho, sólo eso, así que no entendía el afán de atesorarlo. Ella pensaba que el día en que la semilla de maíz no fuese respetada, valorada como algo sagrado los seres humanos estarían en grave peligro, y si ella –que, era una simple mortal– sabía eso, ¿cómo era posible que los enviados de Quetzalcóatl, que venían en su nombre –aunque se tratara de un nombre distinto–, que se comunicaban con él, no lo supieran? (ESQUIVEL, 2006, p. 32).

Obviamente, os europeus reagiam perplexos ao ver a facilidade com que muitos indígenas trocavam ouro por objetos sem valor. O que escapava a ambos os povos, porém, é que a valorização de determinado objeto ou material é uma

construção cultural. Dessa forma, as manifestações artísticas dos mexicas não são compreendidas, visto que referências culturais distintas se opõem, sendo expressas em novos embates:

En el patio del palacio de Axayácatl, los españoles se dedicaban a arrancar el oro de los finos trabajos de pluma y los fundían en lingotes. Al finalizar el día, el patio del palacio parecía un gallinero donde habían desplumado aves preciosas. Volaban plumas por el aire, *huérfanas de arte*. Volaban por todos lados junto con los sueños de quienes las habían imaginado, quienes las habían elaborado (ESQUIVEL, 2006, p. 55).

Como pode ser percebido, para os indígenas, a arte era uma forma de homenagem aos deuses, de elevação do espírito do artífice a um plano divino. A profundidade dessa concepção, porém, jamais poderia ser compreendida pelo olhar do europeu, ofuscado pelo enlevo da conquista do ouro.

Um dos questionamentos mais frequentes é por que, diante de toda essa destruição – acompanhada do massacre de seu povo –, Malinche não agiu de forma diversa, e a pergunta se aguça se for considerado que na cultura mesoamericana o coletivo se sobrepõe ao individual: “Na sociedade indígena de antigamente, o indivíduo não representa em si uma totalidade social, é unicamente o elemento constitutivo de outra totalidade, a coletividade” (TODOROV, 1993, p. 79). Porém, para Malinche desprender-se dos anseios pessoais e assumir os coletivos era necessário, além de superar o sofrimento e a falta de perspectivas imputadas pela escravidão que seu pró-

prio povo lhe legara, aceitar a ideia de ser assassinada junto com os espanhóis, ainda que sua atitude pudesse significar a redenção dos astecas:

Malinalli podía [...] proclamar que los españoles no eran enviados de Quetzalcóatl y en un segundo serían destruidos..., pero ella sería asesinada junto a ellos, y no quería morir como esclava. Tenía muchos deseos de vivir en libertad, de dejar de pasar de mano ‘n mano, de llevar una vida errante.

No había vuelta atrás, no había manera de salir ilesa. Conocía perfectamente la crueldad de Moctezuma y sabía que si los españoles resultaban perdedores en su empresa, ella estaba condenada a la muerte. Ante esta alternativa, ¡por supuesto que prefería que los españoles triunfaran! Y si para asegurar su triunfo tenía que mantener viva la idea de que eran dioses venidos del mar, así lo iba a hacer, aunque ya no estuviera tan convencida de tal cosa. La ilusión de algún día poder hacer lo que se le viniera en gana, casarse con quien ella quisiera y tener hijos sin el temor de que fuesen tomados como esclavos o destinados al sacrificio era lo suficientemente atractiva como para no dar un paso atrás. Lo que más deseaba era tener un trozo de tierra que le perteneciera y en donde pudiera sembrar sus granos de maíz, los que siempre cargaba con ella y que habían sido parte de la milpa de la abuela. Si los españoles podían lograr que sus sueños se cristalizaran valía la pena ayudarlos (ESQUIVEL, 2006, p. 31).

Portanto, entre os anseios coletivos e os individuais, Malinche opta pelos últimos, fato que lhe rende a fama de traidora. Entretanto, a compreensão do contexto em que a trama se desenvolveu permite avistar a complexidade do dilema em que a índia se encontrava. Mais do que traduzir meras palavras, Malinalli estava entrelaçando culturas:

Ser “la lengua” era una enorme responsabilidad. No quería errar, no quería equivocarse y no veía cómo no hacerlo, pues era muy difícil traducir de una lengua a otra conceptos complicados. Ella sentía que cada vez que pronunciaba una palabra uno viajaba en la memoria cientos de generaciones atrás (ESQUIVEL, 2006, p. 32).

Embora Malinche não possa ter tido ciência da dimensão de seu papel na formação da identidade do povo mexicano, Laura Esquivel compõe a personagem como sendo uma visionária que profetiza o alcance do multiculturalismo e almeja um pacto de harmonia universal – deixando entrever o posicionamento ideológico da autora – ao se dirigir à deusa Tonantzin, já no final de sua vida:

Ellos [mis hijos], que no pertenecen ni a mi mundo ni al de los españoles. Ellos, que son la mezcla de todas las sangres –la ibérica, la africana, la romana, la goda, la sangre indígena y la sangre del medio oriente–, ellos, que junto con todos los que están naciendo, son el nuevo recipiente para que el verdadero pensamiento de Cristo-Quetzalcóatl se instale nuevamente en los corazones y proyecte al mundo su luz, ¡que nunca tengan miedo! ¡que nunca se sientan solos! Preséntate ante ellos con tu collar de jade, con tus plumas de quetzal, con tu manto de estrellas, para que puedan reconocerte, para que sientan tu presencia. Protégelos de las enfermedades, haz que el viento y las nubes barran todo peligro, todo mal que los acose. No permitas que se miren en un negro espejo que les diga que son inferiores, que no valen y acepten el maltrato y la violencia como único merecimiento. Procura que no conozcan la traición ni el odio ni el poder ni la ambición. Aparécete en sus sueños para que impidas que se instale en su cabeza el sueño de la guerra, ese sueño de locura colectiva, ese doloroso infierno. Cúrales sus miedos, bórrales sus miedos, desvanece

sus miedos, aleja sus miedos, ahuyenta sus miedos, borra todos sus miedos junto con los míos, madre mía. Eso es lo que te pido, gran señora. Fortalece el espíritu de la nueva raza que con nuevos ojos se mira en el espejo de la luna, para que sepa que su presencia en la tierra es una promesa cumplida del universo. Una promesa de plenitud, de vida, de redención y de amor.

Eso era México y Malinalli lo sabía (ESQUIVEL, 2006, p. 76).

Em consonância com a visão de Esquivel, Todorov afirma que

Malinche glorifica a mistura em detrimento da pureza (asteca ou espanhola) e o papel do intermediário. Ela não se submete simplesmente ao outro [...], adota a ideologia do outro e a utiliza para compreender melhor sua própria cultura (TODOROV, 1993, p. 121).

A índia representa, assim, o processo de renovação indiciado na significação de seu nome original: ao mesmo tempo em que é erva delicada que perece sob o domínio do mais forte, ela é fibra que, persistente, entrelaça culturas sem aceitar que triunfem perante a vida, o medo e o sentimento de inferioridade.

Considerações finais

As várias facetas – algumas, bastante obscuras – da personagem Malinche fornecem argumentos para opiniões antagônicas a respeito do papel que ela exerceu na conquista do México: é possível enxergá-la tanto como vítima quanto como vilã. Contudo, se, por um lado, é inviável eximir Malinalli da responsabilidade que teve diante da expansão espanhola nas terras mexicanas, por

outro, é demasiado torpe instituí-la como “a” culpada ou “a” traidora de seu povo.

A busca por uma interpretação mais adequada, profunda e humanística do encontro entre a cultura espanhola e a mexica implica que o pesquisador assuma o papel de “lengua”, a exemplo do que fez Esquivel na escrita de seu romance. A tradução que se faz necessária, porém, não se resume à decodificação de documentos passados: ela requer a busca pelo “invisível”, em que a sensibilidade humana pode ter afortunados encontros com os tempos idos. A ficção que reconstitui os pensamentos, anseios e angústias de Malinche confere ao romance de Esquivel uma verossimilhança que se aproxima da veracidade solicitada pela historiografia. Todas as contradições, questionamentos, assimilações e reflexões acerca da cultura do outro e de seu próprio sistema cultural tornam a personagem Malinalli plausivelmente humana.

Enfim, no cerne do romance de Esquivel há um processo cíclico, que busca devolver à tradição oral a história que deu origem ao livro, mas com novas nuances e possibilidades inéditas de interpretação. Talvez a índia que um dia teve “a língua nas mãos”⁴ seja a chave para a instauração de novo olhar a respeito da história mexicana, marcada, em muitos momentos, pela exploração e pela crueldade – tanto de indígenas quanto de europeus –, a fim de que, suplantadas antigas mágoas e preconceitos, novas perspectivas desponham para o povo

mexicano, calcadas na superação dos medos e do sentimento de inferioridade de que são herdeiras – em alguma medida – as nações que sofreram um processo de colonização.

*In the dicourse interstice:
the culture conflict*

Abstract

The Spanish people arrival in Mexico, in 1519, unleashed a cultural conflict that culminated in the re-elaboration of the identities. In this process, the native Malinche had special importance: she mediated the relations between the conquerors and the Aztec people and because of this she was perpetuated by the oral tradition as her people betrayer and responsible by its culture massacre. The present article, articulating the History and literary discursive fields, analyses Malinche's role, trying to understand the complexity of the cultural plot in which the Mexican conquest personages were involved. For this comprehension, we considered historical texts and, over all, the “Malinche” novel, by Laura Esquiél, who, compiling the native's history through the orality, proposes a new view about her afflictions, wishes and actions. Conferring to Malinche the possibility of enunciating her own words, the novelist reveals conflicts that formerly remained enclosed in the personage inmost and provokes, in the reader, reflections about cultural resistance that constituted the Mesoamerican identity.

Key-words: Culture. Identity, America conquest. Discovery of the other.

Notas

- ¹ Conforme Glantz, o sufixo *-tzin* indica, na língua indígena, o tratamento respeitoso (*Dicionário da língua castelhana* apud GLANTZ, *La Malinche, la lengua em la mano*, p. 169).
- ² Os verbetes do *Dicionário de língua castelhana* esclarecem o sentido de “faraute”: “Algunos dicen que faraute se dice a ferendo porque trae las nuevas de que se ha apresentar [...]. Ultra de lo dijo significa el que interpreta las razones que tienen entre sí dos de diferentes lenguas y también el que lleva y trae mensajes de una parte a outra” (apud GLANTZ, 2001, p. 172).
- ³ A própria designação “tlatoani” significa, conforme Todorov, “aquele que possui a palavra”. Compreende-se, assim, o grande impacto sobre a cultura asteca quando o *náhuatl* – desprovida do sistema de escrita – é suplantada pelo espanhol. TODOROV, *A conquista da América*, p. 93.
- ⁴ A expressão é, originalmente, utilizada por Glantz.

Referências

BETHELL, Leslie. **A Mesoamérica antes de 1519.** In: BETHEL, Leslie (Org.). *História da América Latina*, 1997. v. 1, p. 25-61.

DEL CASTILLO, Bernal Diaz. *Historia verdadera de la conquista de la Nueva España*. Disponível em: http://www.antorcha.net/biblioteca_virtual/historia/bernal/15.html. Acesso em: 25 maio 2010.

ESQUIVEL, Laura. *Malinche*. México: Santillana Ediciones Generales S. A. de C. V., 2006.

FERREIRA, Jorge Luiz. *Incas e astecas: culturas pré-colombianas*. São Paulo: Ática, 1988.

GLANTZ, Margo. *La Malinche, la lengua em la mano*. In: *La Malinche, sus padres y sus hijos*. México: Taurus, 2001. Disponível em: www.debatefeminista.com/descarga.php?idVol=35&idARTICLE. Acesso em: 25 maio 2010.

PONTE, André Silva. *Ecos da reconquista na conquista do México*. In: *Anais do 2º Congresso Brasileiro de Hispanicistas*. São Paulo, 2002. Disponível em: http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?pid=MSC00000012002000300009&script=sci_arttext. Acesso em: 31 jul. 2010.

RICOEUR, Paul. *Tempo e narrativa*. Trad. de Roberto Leal Ferreira. Campinas: Papirus, 1997.

SANDNER, Rowena. *Historia contemporánea teatralizada: Las Malinches de Victor Hugo Rascón Banda y Johann Kresnik*. Disponível em: http://books.google.com.br/books?id=g_uQFrAbG3cC&pg=PA175&lpg=PA175&dq=Historia+Contempor%C3%A1nea+teatralizada:+Las+Malinches+de+Victor+Hugo+Rasc%C3%B3n+Banda+y+Johann+Kresnik&source=bl&ots=3La7K0u71&sig=qTFIJLYI8AnZMl45fVv9ZdMXUA&hl=ptBR&ei=EY_8S77jKMmzuAfhguWBBg&sa=X&oi=book_result&ct=result&resnum=1&ved=0CAYQ6AEWAA#v=onepage&q&f=false. Acesso em: 25 maio 2010.

TODOROV, Tzvetan. *A conquista da América*. A questão do outro. São Paulo: Martins Fontes, 1993.